

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Loris Graldi Rampazzo**

**Escola Técnica Estadual José Rocha Mendes**

**São Paulo/SP**

**2014**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: temática.

Entrevistador: Paulo Eduardo da Silva.

Instituição: Etec José Rocha Mendes.

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Através da elaboração de entrevistas com outros membros do corpo docente e discente da Etec José Rocha Mendes, pudemos perceber a enorme importância que a professora Loris Graldi Rampazzo teve dentro da instituição. Loris não se limitou apenas a ensinar, mas teve papel fundamental no desenvolvimento de uma antiga tradição artística que já acompanhava a escola há décadas. Além disso, atuou ativamente na implantação do curso pré-profissionalizante de Desenho de Propaganda, que posteriormente, deu ensejo à criação do curso de Técnico em Desenho de Comunicação. Estes dois cursos apenas se tornaram viáveis graças ao trabalho diligente da professora Loris aliada a outros professores e da direção da unidade. Loris ainda deixou uma marca duradoura em nossa história ao ajudar a formar alunos que, mais tarde, se tornaram professores de nossa escola, mantendo e renovando a tradição artística da instituição. Trabalhou lado a lado com o professor Eden Della Bella, este também um personagem de grande relevo para nossa unidade e que teve grande importância para o sucesso da equipe naquele período. As histórias e memórias guardadas por Loris, sua atuação na escola por vários anos e seu protagonismo na realização de diversos eventos importantes, mais que justificam sua escolha para esta entrevista.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Paulo Eduardo da Silva

Local da entrevista: Auditório da Etec José Rocha Mendes. Rua Américo Vespucci, 1241 – Vila Prudente – São Paulo – SP.

Data: 03 de junho de 2014

Técnico de gravação: Paulo Eduardo da Silva

Duração: 29 minutos e 37 segundos

Número de vídeos: Um

Transcritores: Amanda Júlia, Ana Carolina, Fernando Afonso, Izabelly Maria, Mariana Ismynniuk, Melloni Leite, Nayely Ticono e Rafaela Margonare, sob a supervisão do professor Paulo Eduardo da Silva

Número de páginas: 15

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em 03 de junho de 2014, dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013. No entanto, a transcrição da entrevista aconteceu, recentemente, para ser integrada ao acervo do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, em 24 de julho de 2024. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Como a professora Loris Graldi Rampazzo lecionou na Etec José Rocha Mendes no curso Pré-profissionalizante, foi muito atuante na promoção do pré-profissionalizante e posteriormente, na implantação do curso de Desenho de Comunicação, bem como no desenvolvimento de diversas atividades ligadas à arte e cultura, ela se mostrou como peça-chave na reconstrução de nossas memórias não só desta Etec, mas também da memória da educação profissional pública do Estado de São Paulo. Logo nos primeiros anos de funcionamento de nosso centro de memória, Loris recebeu com grande simpatia nosso convite para uma animada conversa sobre sua carreira, seus sonhos e metas no âmbito da educação profissional. Dentre muitas memórias e relíquias acumuladas ao longo de décadas, pudemos registrar imagens, lembranças e histórias desta simpática senhora. Coletamos ainda muitas fotos durante nossa conversa. A seguir apresentamos uma destas fotografias:



Loris no camarim do auditório Edem Della Bella durante sua entrevista em 2014. Foto Paulo Eduardo – Acervo Centro de Memória Etec José Rocha Mendes.

### Transcrição da entrevista

Entrevistada: Loris Graldi Rampazzo / Etec José Rocha Mendes, em São Paulo

Data da transcrição da entrevista: 09 de agosto a 23 de outubro de 2014

Nome dos transcritores auxiliares: Amanda Júlia, Ana Carolina, Fernando Afonso, Izabelly Maria, Mariana Ismynniuk, Melloni Leite, Nayely Ticono e Rafaela Margonare.

Recebida para o programa de “História oral na educação: memórias do trabalho docente”: 24 de julho de 2024.

**Loris Graldi Rampazzo (LGR):** Hoje, dia três de junho de 2014, estamos aqui no auditório professor Eden Della Bella, da escola José Rocha Mendes e com a grata satisfação de falarmos um pouco da minha vida: professora Loris Graldi Rampazzo. Eu comecei a minha formação, como já disse, é de mestre. Comecei em 1959 a dar aulas numa escola industrial que se chamava Escola Industrial Nossa Senhora da Salete, em Alto de Santana e... onde lecionei 4 anos. Nesse tempo, o departamento do ensino profissionalizante, houve por bem criar um curso que desse melhor formação aos

mestres. Para podermos dar aulas, porque nós não tínhamos a parte pedagógica nós tínhamos bastante prática. É... muito valorosa a parte prática, excelente, com excelentes professores. Um deles, o Eden Della Bella, foi meu professor, Edmundo Migliaccio, Jati Silva entre todos, entre outros. E nessa escola, neste departamento, nesse curso, perdão, era o curso que tinha por nome, é... Instituto Pedagógico do Ensino Industrial e tinha dois cursos: um de Didática e outro de Administração Escolar. Eu fiz o Didática, a princípio era um ano. E onde nós aprendíamos as disciplinas, como já falei, pedagógicas que nós não tivemos metodologia, orientação escolar, psicologia escolar, estatística e entre outros. E a parte de Administração Escolar era para os professores que gostariam, ou tentariam concurso para a direção das escolas industriais. A princípio como eu disse, era um ano, tipo do curso de Didática, depois houve uma complementação, então ficaram dois anos para o curso de Didática e três “pro”, curso de Administração Escolar. Depois desse curso é... nós já dávamos aula, como eu disse, nós fizemos um curso de Piano porque começou a ventilar, a aparecer, a ser estudado o curso de Educação Artística nas universidades e nós precisamos é... com esse curso de Educação Artística aprimorar, porque nós tínhamos só a parte plástica, então faltava a pedagógica a perdão, faltava a parte de é... música, de artes cênicas e o desenho. Desenho nós já tínhamos da Carlos de Campos. Então nós tivemos 9 anos de piano. Nesse meio tempo, a UNESP que abriu concurso, ou melhor, o vestibulinho. Não, errado. O vestibular. Né? Que era, era Fuvest. Não era Vunesp, que hoje em dia é a Vunesp. Então, nós fizemos a Fuvest para a Unesp e fomos fazer os 4 anos de educação artística, em São Bernardo do Campo, no instituto... é no Instituto de Artes da Unesp. Que era é de 4 anos, com habilitação... a única habilitação que tinha naquela época, a Unesp aqui em São Paulo, era de Música. E como eu tinha feito Música, então eu vou aproveitar, fazer essa habilitação em Música, porque eu sei que o meu caminho é as artes plásticas, não a música. A música só foi para deleite, só para a minha formação. E lá na Unesp nós fizemos os 4 anos. De lá, com a orientação de um professor, ele falou não, você tem que fazer o mestrado. No finalzinho da, da Unesp eu fiz, que foi em 1980, eu fiz a... comecei a frequentar USP. Em 84, entrei para fazer o mestrado, sobre o tema da pintora Djanira. E depois, em 87 eu defendi o mestrado em maio, em junho, em agosto, eu já entrei para o doutorado com o mesmo tema. Djanira, pintora Brasileira. E nesse tempo, eu dei aula nas escolas é... profissional não, estadual, particular, dei aula em conservatório, dei aulas no meu ateliê - que eu tinha naquela época o ateliê - mas com o mestrado já não dava mais tempo, faltou tempo. E... a minha formação é essa, né? A última formação que eu tenho é de doutor em Artes. Naquela época, saía na USP saía esse título, doutor em Artes, né? Dois pontos: Artes Plásticas. Então, foi essa a minha...

essa minha titulação. Fiz concurso para o Estado, fiquei efetiva. Trabalhei na Delegacia de Ensino algum tempo. Depois, da delegacia de ensino, eu trabalhei, eu fiz concurso na Unesp e trabalhei na Unesp, no Instituto de Artes, onde eu estudei, onde eu estudei. Esse instituto já aqui em São Paulo, que se mudou aqui para São Paulo - Instituto de Artes. Hoje está na Barra Funda. E neste, nesse, nesse período foi o período quando eu saí da Unesp... quando eu saí da Unesp em 80, eu estava com vontade de dar aula, mas dar aula em... como eu havia aprendido em uma oficina, né? Com bastante tempo, não na Educação Artística de uma aula ou duas aulas que, para mim era pouco para... não dava tempo para trabalhar como eu queria trabalhar com os alunos. E através de uma aluna... de uma aluna não, de uma colega minha, Neusa, que morava aqui nas imediações, ela me comentou: – Loris, eu fui chamada para trabalhar numa escola, mas eu não tenho essa formação. Essa formação é para você. Vai lá. Escola José Rocha Mendes, Escola Técnica José Rocha Mendes. Falei: – Eu conheço de nome, que meu marido dá aula no Martin Luther King – ele se formou na Getúlio Vargas e foi lá no pedagógico que eu o conheci né? Ele fazia Administração e eu fazia Didática. Então falei: – Eu conheço o José Rocha Mendes, mas nunca estive lá na escola e... – Vai lá! Ela falou. Fala com o diretor, o diretor é fantástico. E eu sabia mais ou menos quem era o diretor. O diretor era o professor, Edem Della Bela. Quando eu telefonei, ele falou, professora, a senhora pode vir para, para conhecer a escola? Eu vim conhecer a escola. E quando eu cheguei, ele me recebeu muitíssimo bem, porque ele havia sido meu professor, não é? Eu já o conhecia, fiquei mais tranquila. Eu falei: – Professor, como é que eu posso? Começar? Ele falou: – Já! Os alunos estão lá na sala te esperando. Eu falei: – Ai, professor. Aí eu cheguei, aqui onde é o auditório atualmente, era uma oficina de marcenaria e desenho técnico. E um pouco adiante, era a minha salinha de Artes. Até há algum tempo falavam a sala da Loris, porque ficou conhecida. Quando eu cheguei na sala de aula, eu fiquei encantada em ver a quantidade de material que tinha à disposição dos alunos. Eram papéis estrangeiros, eram lápis estrangeiros, ecoline, aquarela, pastel, olha todo o material para as artes plásticas, coisa que muitos alunos de artes, não tem. E os alunos lá sozinhos. Poxa, eu pensei: - tem aluno, tem ambiente, tem material, falta professor? Não é possível. Aaaah, me pegou na hora. Eu falei: pronto! Vamos trabalhar, professor! Então eu comecei minhas aulas eram de segundas e quartas-feiras e, e a princípio, tinha uma turma só. Então eu vinha, na segunda e na quarta. E a tarde tinha um professor, Segundo Golfete, que ele foi professor do meu marido Armando Rampazzo. Foi professor, perdão, foi aluno do meu marido. E... Meu marido tinha levado o segundo Golfete para dar aula na escola Antártica da Fundação Antônio e Helena Zerrenner. E ele já estava aqui à tarde porquê de manhã ele estava

lá na escola da Antártica. Então, nós fizemos uma reuniãozinha, não é? É, foi lá em casa e nós conversamos o que, juntamente com o professor Edem, o que nós... o que o professor Edem tinha imaginado de... o conteúdo programático dessa desse curso que era pré-profissionalizante. Então, já tinha esse ideal do professor Edem e com a nossa a vontade de reviver as oficinas que nós aprendemos, desenhar e pintar lá na Carlos Campos, ah, não teve dúvida. Então ficou eu de manhã, das sete e meia às onze e meia, meio-dia e à tarde, o professor dá uma ou uma e meia em torno disso. Por causa que dependia do horário dos alunos que saíram das escolas públicas, ou municipal, ou particulares. Que era o único requisito, estar matriculado numa dessas três escolas. E parece-me que eles pagavam de taxa... Não sei que dinheiro que era. Era um cruzeiro... cruzado, não sei, era uma qualquer coisa, (rindo) um dinheiro. E o aluno vinha. Ele não tinha nota, ele não tinha faltas, não tinha esse controle de frequência. Vinham, porque gostavam. Então, aqueles alunos que já estavam, ficaram este ano. E eu, eu e o professor Edem, o Segundo, nós comentávamos: – Poxa! Tem professor, tem material, tem sala e não tem aluno? Então vamos fazer o seguinte: de manhã eu vou pegar um ofício (você né, professor) e vou visitar as escolas. Então com os trabalhos que os alunos fizeram. Eu peguei os trabalhos de manhã e fui às escolas, Pantoja (aqui da redondeza) Pantoja ... Áaaa ... uma escola que mora aqui perto, que eu esqueci... Que mora aqui perto! Que tem aqui perto ...

**Paulo Eduardo da Silva (PES):** O Olga?

**LGR:** O Olga, o Chediak, um outro que fica aqui na avenida...

**PES:** O Américo de Moura?

**LGR:** O Américo de Moura, o Anchieta que é uma escola particular. Então, nós íamos, falávamos com a direção, mostrávamos os trabalhos, mostrávamos qual era a nossa proposta e pedíamos licença para falar com os alunos das sétimas e oitavas séries. E o objetivo desse pré-profissionalizante era que os alunos estivessem numa dessas duas séries, sétimas ou oitavas para eles terem uma visão do que eles gostariam de fazer no futuro, que curso que eles iriam... – Áaa naquela época era o colegial né? – Que curso que era, o técnico ou o colegial acadêmico? Que eles deveriam fazer? E outra: professora quanto paga? – Não paga nada! – E o material? –Tem todo o material é só a frequência. E vinha! Chegou a fazer fila pra fazer a matrícula. E nós enchemos, né? Maneira de falar, lotamos as salas no período da manhã e no período da tarde. De

manhã eu fazia propaganda para o Segundo (Golfete) à tarde e o Segundo Golfete fazia propaganda para minha disciplina de manhã. E com isso nós ficamos, eu fiquei com aulas de segundas e quarta e terça e quinta. Então de 2 dias, passamos a 4 dias. Lotadas! As salas lotadas! E os alunos vinham e ficavam até o fim. Então, e sempre, né? No final do ano, nós íamos fazer propaganda e daí, não precisava fazer muita propaganda, porque os próprios alunos faziam e começou... Nós começamos a ter necessidade de outros professores. Então veio o filho do professor Edem, que é o Edem Della Bella Júnior, que a gente chama de Edinho e que havia terminado a Belas Artes, né? A Faculdade de Belas Artes para pegar mais uma turma de manhã. Mas a tarde também precisava de outro professor, então veio o amigo dele, o Elias. E nisso, não tinha mais! Estava lotado o nosso espaço. Então aquelas tardes que os alunos ficavam aqui sozinhos, com poucos alunos, ficou bastante movimentado. E com isso nós ficamos, eu fiquei com aulas de segundas e quarta e terça e quinta. Então de 2 dias, passamos a 4 dias. Lotadas! As salas lotadas! E os alunos vinham e ficavam até o fim. Então, e sempre, né? No final do ano nós íamos fazer propaganda e daí, não precisava fazer muita propaganda, porque os próprios alunos faziam e começou... Nós começamos a ter necessidade de outros professores. Então, veio o filho do professor Edem, que é o Edem Della, Bella Júnior, que a gente chama de Edinho e que havia terminado a Belas Artes, né? A Faculdade de Belas Artes para pegar mais uma turma de manhã. Mas a tarde também precisava de outro professor, então veio o amigo dele, o Elias. E nisso, não tinha mais! Estava lotado o nosso espaço. Então aquelas tardes que os alunos ficavam aqui sozinhos, com poucos alunos, ficou bastante movimentado. E como era um curso, que era tanto para, para o público feminino como para o masculino, eles gostavam da escola e vinham da parte da manhã para frequentar biblioteca, para conhecer como é que era o curso da manhã, principalmente os meninos que queriam fazer éee... Tornearia Mecânica os cursos que a escola fornecia só para os meninos. E os meninos começaram a vir à tarde frequentar a biblioteca porque tinha as meninas, então vinham também conhecer as meninas. Todo final de ano, nós fazíamos uma exposição para darmos conta, né? Pra diretoria de ensino, onde estava o material, né? O material que a gente pedia, e vinha todo o material. Sem sem constrangimento nenhum. Tudo o que era pedido vinha. Aqui, este material que que eu estou falando, quando eu comecei, é... o professor Edem nos disse que aqui tinha muita enchente, não sei se ainda tem na Anhaia Melo e enchia aqui a escola e muitas resmas de papel foram danificadas. Então, aí nós, né? Providenciamos e colocar no alto, enfim, demos mais vida aqui pra... pra o pré-profissionalizante, que era chamado pelos alunos de prézinho, o prézinho. Professora, eu sou aluna do prézinho. Então, há... Ficou lotado.

Nessas, nessas exposições o interessante é que as famílias vinham. A mãe trazia os irmãozinhos e a gente sempre falava, né? Olha: - vamos fazer um, um... traz alguma coisa, um docinho, se você puder. E sabe como é que são, né? As... as pessoas mais simples são... ããã... de uma generosidade. Então traziam bolo, sanduíche, refrigerante e ficava aquela confraternização familiar. E isso era muito bom, porque a gente trazia a comunidade para dentro da escola e a escola ficou sendo conhecida. Até que essas mães se reuniram e vieram falar conosco, por que que nós não montávamos um curso de comunicação? Porque as meninas que queriam - mesmo os meninos, que queriam cursar - só tinha, tinha esse curso só no Anchieta. E o Anchieta, essa escola particular, Padre Anchieta ããã... não dava para a população pagar. Não dava. Então... pública, só tinha a Carlos de Campos. E daqui da Vila Prudente pra ir na Carlos de Campos, também tinha o fator condução e a preocupação das mães em colocar os filhos na... Em, em, ônibus, né? Em condução. E por que que nós não montaríamos, já que tínhamos professores e tínhamos... O o material? Nós começamos a pensar, falamos com o professor Edem, professor Edem, sempre nos apoiando, incentivando, porque era, era o objetivo dele dar esse... é fazer esse curso de pré-profissionalizante acontecer. E nós fomos falar com a diretora que era a professora, Claudete Zimmermann. Que as mães, né? Fizeram um abaixo-assinado pedindo que nós montássemos o curso de Comunicação Visual?

**PES:** Desenho de Comunicação.

**LGR:** Desenho de Comunicação. Comunicação Visual eu dou hoje. Isso foi em torno, acho que de 1984 por aí. (ruído externo) A diretora nos disse: – Se vocês não precisarem de nada, pode montar. Eu não quero saber se precisa de professor. Falei: – Nós temos! – Não quero saber se precisa de sala de aula. – Nós temos. – Não quero saber se precisa de material. Falei: – Nós temos! Porque a escola funciona de manhã e à noite, somente com as turmas... masculina, dos alunos de Tornearia, Mecânica, Eletricidade. Não me lembro bem os nomes técnicos que tinha. Só cursos pra turma masculina. E não tinha tarde, não tinha nada. Como pode uma escola vazia com é... professores, alunos, tudo mais. Bom, professores, material, tudo mais, não ter alunos? Isso me pegou firme. Eu e o professor Segundo. Então é... que que nós vamos fazer? Vamos à Carlos de Campos pegar a grade curricular e nós tínhamos amizades lá, tal e nós fomos lá na Carlos Campos. Isso é uma ideia, ... foi um idealismo, porque nós pegamos o nosso horário de almoço. Eu não queria saber se era meu horário de almoço. Eu não queria saber se o meu patrão, que mora lá no Morumbi estava sabendo disso.

O que eu queria, era montar para pegar aquela criançada que estava afoita para vir aprender. E as professoras da parte éee... do conteúdo. Como é que a gente pode falar do?

**PES:** Núcleo comum?

**LGR:** Do núcleo comum. Ele, esses professores também estavam interessados, porque se houvesse esse curso aqui, eles poderiam complementar as suas aulas num estabelecimento só. Não precisavam ir no, no Pantoja e por aí fora para dar, né? Para fazer a complementação da carga horária. Então, eles também estavam interessados. Então nós, eu e o Segundo fomos lá na, na Carlos de Campos e começamos a montar nossa grade até que conseguimos montar uma grade, não é? A um bom nível, semelhante à da Carlos de Campos, né? Mas semelhante, né? Porque a gente não tinha a mesma experiência. E mostramos para a delegada. A delegada falou, olha: - nós podemos aprovar, mas tem uma coisa, esse curso só será reconhecido depois da formação da primeira turma. Depois dos 4 anos. Aaah, tudo bem - imagina que responsabilidade! (Eu vou pegar um lençinho). Essa nossa responsabilidade nós nem pensamos. A gente tinha plena convicção que iria dar certo. E começamos. Hoje em dia, em sã consciência, eu penso: meu Deus, se não desse certo, eu peguei um aluninho que com é... 15, 14, 15 anos, não sei, e ficar quatro anos com ele e se não der certo? São quatro anos da vida daquela pessoa, que eu tinha... usado, né? Nem pensei nisso. Sinceramente, nós dois entramos com tudo. E no primeiro ano, 40 alunos. Não aceitamos mais porque não tínhamos condições à tarde. E no segundo ano, mais. Conclusão: esse curso suplantou o curso da manhã, da manhã e da noite. E ainda houve um entrosamento entre as turmas, porque como é um curso que era mais feminino, é... os alunos da manhã vinham visitar as meninas e as meninas iam à noite. Então, houve uma mescla né? Da da do feminino e masculino dos alunos. E olha, foi, tivemos a primeira formatura, tivemos a segunda formatura e foi cada vez mais, éee... complementando. Até que chegou um ano, no terceiro ano, que eu e o Segundo, não dávamos mais conta só nós dois. Precisava, professor. Principalmente de fotografia. Então nós tínhamos... estávamos, tínhamos que montar o laboratório porque entrava a disciplina, fotografia. E eu falei: ah, não fotografia, eu não tive, não tenho capacidade, precisa pegar um profissional. Segundo falou eu também, depois não tem tempo hábil, não há, não tem mais espaço. Foi quando nós tivemos conhecimento da professora Mércia e ela veio para dar o curso de Fotografia aqui. E aí foi todo o desenvolvimento e cada vez mais. Com isso, nós ficamos ããã... realizados, porque nós cumprimos com a

nossa o nosso objetivo, o nosso entusiasmo foi coroado de êxito, porque os alunos ããã... eu tive oportunidade de tê-los lá na Carlos... na São Judas e muitos cursaram Design mesmo e interessante, que nos encontrávamos os alunos ããã... na rua, ou em alguma exposição, e eles, moços, já as meninas, as meninas ainda a gente reconhecia mais, mas os meninos mudaram completamente, que usavam barba e tudo mais. E aí, professora? Fui aluno lá do prézinho. E hoje, o que você faz? – Ah! Hoje, eu tô na USP cursando biologia. Ah! Biologia? Que? Mas como? – Mas a senhora não queira saber, o cursinho curso lá do prézinho, como me fez... como me foi útil. Porque lá no curso de Biologia, um professor numa determinada aula perguntou se alguém sabia desenhar e eu levantei a mão. Como é que você sabe desenhar? Onde você aprendeu? Eu fui contando. Não é? E ele me convidou para ser assistente dele para ilustrar um livro que ele estava fazendo de determinado assunto sobre biologia. Quer dizer, ele não seguiu a parte artística, mas foi útil para ele. Foi parte da cultura que era nossa ideia, né? Fazer uma... uma, criar o nível cultural dos alunos. E os alunos muitas vezes que vinham de terça ou de segunda e quarta... porque assim... [na quinta-feira], eles falavam: – professora, eu posso vir amanhã? Pode, tendo lugar para você se sentar, pode. E eles vinham, às vezes não faziam a nossa aula, faziam as atividades da escola, que em casa não tinha ambiente para fazer. Então a gente tirava esses alunos – como eu falava – da frente da telinha. Tirava esses alunos da frente... das ruas e dava uma visão pra eles. E o professor Edem que dava aula também, ele muitas vezes, ele fez nas paredes, como se fosse um afresco, os alunos pintavam quadrinhos nas paredes. Aqui tinham quadrinhos nas paredes. E pra mim, sempre foi um grande orgulho. Fora essa, essa montagem do curso, eu... o que nós fazíamos – e eu fazia questão – participar de todo concurso que houvesse na cidade. Ah, tem um concurso de Semana do Trânsito, então tem que fazer cartaz. Então, fazíamos cartaz sobre Semana do Trânsito. Ah, tinha que fazer cartaz contra o fumo. Então fazíamos e mandávamos para a Diretoria de Ensino, que mandava para os órgãos competentes pra fazer as exposições e os concursos. E nesses concursos, muitas vezes os nossos alunos ganharam. Sempre participando e sempre visitando e sempre ganhando em... é... (como se fala?) em comparação com as escolas tradicionais. Dante Alighieri e outras tantas que não me lembro o nome agora, mas os nossos alunos sempre fizeram bonito. Nós tivemos um o Gerson, não me lembro mais sobrenome dele, mas tenho a fotografia dele, que a Lufthansa fez um concurso, e... nós participamos e o Gerson ganhou, entre os 5. Então foram 5 classificados. Então foi o Gerson do Rocha Mendes, foi um do Dante Alighieri, foi um do... (aquele colégio que tem lá na Avenida Paulista?), eu não me lembro e enfim. Assim, sem ser dos tradicionais, o Rocha Mendes era único que “tava” lá. Então, eu falei: Gerson (era um

sorteio para a Alemanha). Eu falei: Gerson, se você não ganhar, não se preocupe, se considere o primeiro colocado. Porque, se você vai participar de um sorteio com esses 5, com esses 4 você é 5, né? Você está no mesmo nível. E de fato, ele, infelizmente ele não ganhou, mas estava lá e foi essa entrega do prêmio foi no MASP, foi quem entregou, foi o Pietro Maria Bardi. Então foi um... muito gratificante pra gente. E fora isso, nós pegávamos alunos aos sábados, principalmente nas campanhas eleitorais que a gente conseguia ônibus e levava para todas as exposições. Era MASP, era o MAM, era a ali na... Avenida Tiradentes, Museu de Arte Sacra, então para eles conhecerem. Tinha ainda naquela época, a Casa das Retortas, ali no, no Parque Dom Pedro e a gente pegava a molecada e ficava rodando por aí e eles adoravam. E era o curso, como eles chamavam prezinho. Eu, pra mim, o pré-profissionalizante e o Rocha Mendes é... moram no meu coração. Porque foi uma semente que nós plantamos. Eu nos digo, porque tinha primeiramente professor Edem, né? Depois é o Segundo e eu, nós fizemos essa os três, né? Sempre em sintonia plantamos e conseguimos fazer essa, essa, essa sementinha ã... brotar e florescer. E foi reconhecido o curso. É... gratificante.

### **Descritores**

Aquarela

Artes Plásticas

Cartaz

Cinquentenário Centro Paula Souza

Comunicação Visual

Curso Profissionalizante

Curso Modular

Desenho de Composição

Desenho de Comunicação

Desenho de Expressão

Desenho de Figura Humana

Desenho Industrial

Desenho de Letras e Cartazes

Didática

Ecoline

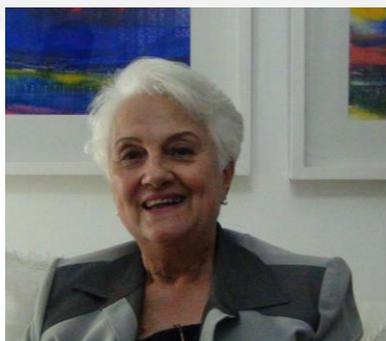
Édson João Patané

Éden Della Bella

Educação Artística

Escola Industrial  
Escola Masculina  
Etec José Rocha Mendes  
Formas Expressivas Compositivas  
Fotografia  
Gazeta da Vila Prudente  
História da Educação Profissional  
História Oral na Educação  
Ilustrações  
Layout  
Loris Graldi Rampazzo  
Memória do trabalho docente  
Mércia Lopes  
Modelo  
Monika Tanaca Gimbutis Sanchez  
Olga Fuentes Campoy  
Paulo Eduardo da Silva  
Pintura  
Propaganda  
Pré-profissionalizante  
Revelação  
Rocha Mendes  
Secretaria de Educação  
Segundo Golfet  
Universidade São Judas

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



**Loris Graldi Rampazzo** nasceu em 1940, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Filha de pais italianos ainda na infância Loris demonstrou sua vocação para o ensino e em especial para o desenho, nas brincadeiras com as colegas. Fez o Técnico em Desenho Industrial na então Escola Técnica Estadual Carlos de Campos e ainda como estudante, passou a ganhar prêmios em concursos. Mostrando talento incomum, após o curso técnico, Loris ingressou na UNESP onde se graduou em 1980. Nesta mesma universidade, fez mestrado em Artes (1987) e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professora titular da Universidade São Judas Tadeu. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Pintura, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, criação, desenho, pesquisa e análises.

#### **Dados Biográficos do Entrevistador**



**Paulo Eduardo da Silva** nasceu na cidade de São Paulo, em 20 de agosto de 1961. Sempre estudou em escolas públicas formando-se no Ensino Médio na EESG Rui Bloen no bairro do Planalto Paulista. Gradou-se em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985) com licenciatura plena em história. Leciona há 41 anos atuando principalmente no ensino público da Secretaria de Educação de São Paulo. A partir de 1995 ingressou no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), onde desenvolveu diversos projetos. É membro do GEPEMHEP Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, onde desenvolve pesquisas em história da educação profissional no Estado de São Paulo. Desde 2011 se dedica à implantação do Centro de Memória Etec José Rocha Mendes. Participou das publicações: Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), História Oral na Educação: memórias e identidades (2014), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico da Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros

de Memória (2017), organizados pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Lúcia Mendes de Carvalho e Apostila pré-vestibulinho (Ed. Gabarito, 2006). Em janeiro de 2018 aposentou-se como professor efetivo da Secretaria de Educação. Atualmente, concentra suas atividades em pesquisa e aulas nas escolas do Centro Paula Souza.

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado de Loris Graldi Rampazzo

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado de Loris Graldi Rampazzo